

PERIÓDICO DE GEOPOLÍTICA E OCEANOPOLÍTICA

# BOLETIM GEOCORRENTE

ISSN 2446-7014



## A relevância dos portos para economia iraniana

ESTE E OUTROS 11 ARTIGOS NESTA EDIÇÃO

# BOLETIM GEOCORRENTE

Nº 160 • 27 de abril de 2022

O Boletim Geocorrente é uma publicação quinzenal do Núcleo de Avaliação da Conjuntura (NAC), vinculado à Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação (SPP) da Escola de Guerra Naval (EGN). O NAC acompanha a Conjuntura Internacional sob o olhar teórico da Geopolítica e da Oceanopolítica, a fim de fornecer mais uma alternativa para a demanda global de informação, tornando-a acessível e integrando a sociedade aos temas de segurança e defesa. Além disso, proporciona a difusão do conhecimento sobre crises e conflitos internacionais procurando corresponder às demandas do Estado-Maior da Armada.

O Boletim tem como finalidade a publicação de artigos compactos tratando de assuntos atuais de dez macrorregiões do globo, a saber: América do Sul; América do Norte e Central; África Subsaariana; Oriente Médio e Norte da África; Europa; Rússia e ex-URSS; Sul da Ásia; Leste Asiático; Sudeste Asiático e Oceania; Ártico e Antártica. Além disso, conta com a seção "Temas Especiais", tratando sobre assuntos latentes das relações internacionais.

O grupo de pesquisa ligado ao Boletim conta com integrantes de diversas áreas do conhecimento, cuja pluralidade de formações e experiências proporcionam uma análise ampla da conjuntura e dos problemas correntes internacionais. Assim, procura-se identificar os elementos agravantes, motivadores e contribuintes para a escalada de conflitos e crises em andamento, bem como seus desdobramentos.

## NORMAS DE PUBLICAÇÃO

Para publicar nesse Boletim, faz-se necessário que o autor seja pesquisador do Grupo de Geopolítica Corrente, do NAC e submeta seu artigo contendo até 400 palavras ao processo avaliativo por pares.

Os textos contidos neste Boletim são de responsabilidade exclusiva dos autores, não retratando a opinião oficial da EGN ou da Marinha do Brasil.

A publicação integral de qualquer artigo deste Boletim somente poderá ser feita citando expressamente autor e fonte, e colocando o link de redirecionamento para o artigo original.

Capa: [Iran Harsin p5](#)

Por: Wikimedia Commons

Fonte: Wikimedia Commons

## CORRESPONDÊNCIA

Escola de Guerra Naval – Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação.  
Av. Pasteur, 480 - Praia Vermelha – Urca – CEP 22290-255 - Rio de Janeiro/  
RJ - Brasil  
TEL.: (21) 2546-9394 | E-mail: [geocorrentenac@gmail.com](mailto:geocorrentenac@gmail.com)

Esta e as demais edições do Boletim Geocorrente, em português e inglês, poderão ser encontrados na [home page da EGN](#) e em nossa [pasta do Google Drive](#).



## CONSELHO EDITORIAL

### DIRETOR DA EGN

Contra Almirante João Alberto de Araujo Lampert

### SUPERINTENDENTE DE PESQUISA E PÓS GRADUAÇÃO DA EGN

Contra Almirante (RM1) Marcio Magno de Farias Franco e Silva

### EDITOR CHEFE

Capitão de Mar e Guerra (RM1) Leonardo F. de Mattos (EGN)

### EDITOR EXECUTIVO

Capitão-Tenente Bruno de Seixas Carvalho (University of Birmingham)

### EDITOR CIENTÍFICO

Capitão de Mar e Guerra (RM1) Francisco E. Alves de Almeida (EGN)

### EDITORES ADJUNTOS

Jéssica Germano de Lima Silva (EGN)

Noele de Freitas Peigo (Facamp)

Thayná Fernandes Alves Ribeiro (UFF)

### DIAGRAMAÇÃO E DESIGN GRÁFICO

Rafael Esteves Gomes (UFRJ)

Guilherme de Oliveira Carneiro (UFRJ)

### TRADUÇÃO E REVISÃO

Rodrigo Oliveira Dutra Marcílio (UFRJ)

**ÁFRICA SUBSAARIANA**

Carolina Vasconcelos De Oliveira Silva (PUC-Rio)  
Franco Napoleão A. de Alencastro Guimarães (PUC-Rio)  
Isadora Jacques de Jesus (UFRJ)  
João Victor Marques Cardoso (UNIRIO)  
Luísa Barbosa Azevedo (UFRJ)  
Vanessa Passos Bandeira de Sousa (ESG)  
Vivian de Mattos Marciano (EGN)

**AMÉRICA DO SUL**

Bruna Soares Corrêa de Souza (UniLaSalle)  
Carlos Henrique Ferreira da Silva Júnior (EGN)  
Izan Reis de Araujo (USP)  
José Martins Rodrigues Junior (UFRJ)  
Luciano Veneu Terra (UFF)  
Matheus Souza Galves Mendes (EGN)  
Otávio Brasileiro Pires de Camargo (UNESP)  
Pedro Emiliano Kilson Ferreira (Univ. de Santiago)

**AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL**

Ana Carolina Vaz Farias (UFRJ)  
Jéssica Pires Barbosa Barreto (EGN)  
Rafael Esteves Gomes (UFRJ)  
Taynah Pires Ferreira (UFRJ)  
Victor Cabral Ribeiro (PUC-Rio)  
Victor Eduardo Kalil Gaspar Filho (EGN)

**ÁRTICO & ANTÁRTICA**

Gabriela Paulucci da Hora Viana (UFRJ)  
Gabriele Marina Molina Hernandez (UFF)  
Raphaella da Silva Dias Costa (UFRJ)

**EUROPA**

Guilherme Francisco Pagliares de Carvalho (UFF)  
Marina Autran Caldas Bonny (UFRJ)  
Rafaela Caporazzo de Faria (UFRJ)  
Thaïs Abygaëlle Dedeo (Université Paris 3)  
Victor Magalhães Longo de Carvalho Motta (UFRJ)

**LESTE ASIÁTICO**

Guilherme de Oliveira Carneiro (UFRJ)  
João Pedro Ribeiro Grilo Cuquejo (IBMEC)  
Luís Filipe de Souza Porto (UFRJ)  
Marcelle Torres Alves Okuno (EGN)  
Maria Eduarda Araújo Castanho Parracho (UERJ)  
Philipe Alexandre Junqueira (UERJ)  
Rodrigo Abreu de Barcellos Ribeiro (UFRJ)  
Thomas Dias Placido (UFSC)

**ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA**

Adel Bakkour (UFRJ)  
Amanda Neves Leal Marini (ECEME)  
Dominique Marques de Souza (UFRJ)  
Isadora Novaes dos Santos Bohrer (UFRJ)  
Melissa Rossi (Suffolk University)  
Vitória de França Fernandes (UFRJ)

**RÚSSIA & EX-URSS**

José Gabriel de Melo Pires (UFRJ)  
Luiza Gomes Guitarrari (UFRJ)  
Pedro Mendes Martins (ECEME)  
Pérsio Glória de Paula (Saint Petersburg University)  
Vitor Ferreira Lengruber (UCP)

**SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA**

Maria Gabriela Veloso Camelo (PUC-Rio)  
Matheus Bruno Ferreira Alves Pereira (UFRJ)  
Thayná Fernandes Alves Ribeiro (UFF)

**SUL DA ÁSIA**

Eduardo Araújo Mangueira (UFRJ)  
Gabriela Siqueira Duarte dos Santos (UFRJ)  
Iasmin Gabriele Nascimento dos Santos (UFRJ)  
Lucas Mitidieri (UFRJ)  
Rebeca Vitória Alves Leite (EGN)

**TEMAS ESPECIAIS**

Alessandra Dantas Brito (EGN)  
Bruno Gonçalves (UFRJ)  
Guilherme Novaes Silva Pinto (UFRJ)  
Maria Cláudia Menezes Leal Nunes (USP)  
Raquel Torrencilha Spiri (UNESP)



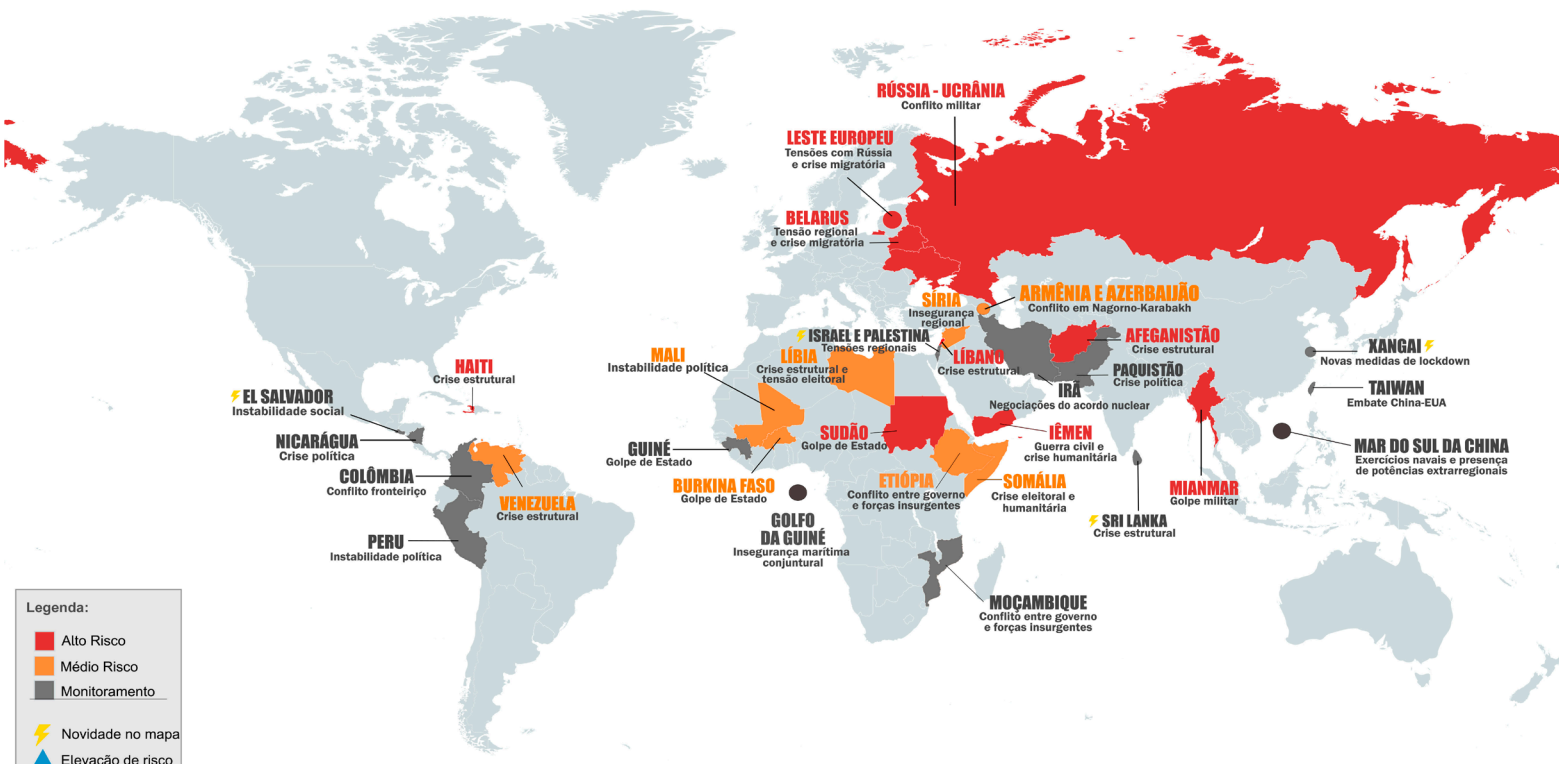
# ÍNDICE

|   |    |  |    |
|---|----|--|----|
| <b>AMÉRICA DO SUL</b>   |    | <b>LESTE ASIÁTICO</b>  |    |
| A incidência geopolítica da água nas relações diplomáticas Chile-Bolívia .....              | 6  | Avanços no programa espacial chinês nas relações internacionais .....        | 12 |
| <b>AMÉRICA DO NORTE &amp; CENTRAL</b>   |    | <b>SUL DA ÁSIA</b>   |    |
| Veículos autônomos e o plano de construção naval estadunidense.....                         | 7  | A saída de Imran Khan e seus impactos na política externa paquistanesa ..... | 13 |
| O orçamento de Defesa canadense para 2022.....  | 8  | <b>SUDESTE ASIÁTICO &amp; OCEANIA</b>  |    |
| <b>EUROPA</b>   |    | Submarinos atribuiriam capacidade dissuasória necessária às Filipinas .....  |    |
| <i>Strategic Compass</i> : próximos passos para uma defesa da União Europeia .....          |    | <b>TEMAS ESPECIAIS</b>   |    |
| <b>ORIENTE MÉDIO &amp; NORTE DA ÁFRICA</b>  |    | Cibersegurança e violação do Artigo 5º do Tratado da OTAN.....               |    |
| A relevância dos portos para economia iraniana.....   | 9  | Artigos Selecionados & Notícias de Defesa.....                               |    |
| <b>RÚSSIA &amp; Ex-URSS</b>   |    | Calendário Geocorrente.....  |    |
| O emprego do <i>Kinzhal</i> e o teste do <i>Sarmat</i> em meio ao conflito na Ucrânia ..... | 10 | Referências.....   |    |
| O novo dilema da modernização naval russa .....   | 11 | Mapa de Riscos.....  |    |
|   |    | 16   |    |
|   |    | 16   |    |
|   |    | 17   |    |
|   |    | 18   |    |

## PRINCIPAIS RISCOS GLOBAIS

Desconsiderando a pandemia de COVID-19

Por: Guilherme Carneiro e Luísa Barbosa



Para mais informações acerca dos critérios utilizados, acesse a página 18.



## A incidência geopolítica da água nas relações diplomáticas Chile-Bolívia

Pedro Kilson

Historicamente, as relações Chile-Bolívia foram atravessadas por confrontos bélicos, dissonâncias de perspectiva em política externa, bem como relações diplomáticas instáveis e, atualmente, reduzidas à esfera consular – La Paz e Santiago romperam relações em 1962. Questões fronteiriças fundamentam tais impasses, especialmente após os desdobramentos da Guerra do Pacífico (1879-1883). Ainda assim, existe a perspectiva de que novos diálogos se concretizem entre ambos os países a partir de 2022, com o restabelecimento das relações diplomáticas como pauta na agenda da política externa chilena. Entretanto, uma tentativa de reaproximação se dará em um cenário de desafios em torno da água doce. Questiona-se, portanto, a centralidade da geopolítica da água nas relações diplomáticas Chile-Bolívia.

A presença de recursos estratégicos como o cobre e o nitrato de sódio (usado na produção de salitre), principalmente na região da tríplice fronteira Bolívia-Chile-Peru, não apenas foi crucial para o desenho das fronteiras contemporâneas, como também viabilizou economicamente a construção de tais Estados, por meio do desenvolvimento da indústria mineira. Ademais, a dependência de recursos hídricos esteve presente ao longo de todo esse processo e representa um dilema na contemporaneidade: o chamado altiplano (planalto andino) e o deserto do Atacama possuem importantes

reservas de água que, em conjunturas de seca e escassez, tornam-se cobiçadas a ponto de incidirem nas dinâmicas da política internacional.

As bacias do Titicaca e Poopó, bem como os rios Desaguero e Loa, concentram água doce, representando regiões de litígio vigente ou potencial. Na mesma lógica, destacam-se desavenças em torno dos rios Lauca e Silala, na bacia do lago Titicaca. O reconhecimento do caráter internacional desses rios e lagos, por ambos os países, não impede o surgimento de conflitos e desavenças, em razão das dificuldades de aproveitamento econômico dos recursos hídricos. Concretamente, o Chile defende que os rios Lauca e Silala pertençam aos dois Estados, enquanto a Bolívia reclama uma participação mais considerável.

O planalto andino configura, portanto, palco de disputas territoriais embasadas na necessidade geopolítica de controle de recursos, desde pelo menos a segunda metade do século XX. Entretanto, face à provável aceleração da crise hídrica nas próximas décadas, que deverá afetar o Chile de maneira mais aguda, os canais de comunicação entre os vizinhos se tornam cada vez mais debilitados. O novo presidente chileno, Gabriel Boric, apresentou seu compromisso para a retomada dos diálogos; entretanto, reforçou que o país não pretende enfraquecer sua soberania, em alusão ao projeto boliviano de recuperação plena do acesso soberano ao Pacífico, uma demanda histórica da Bolívia.



**Veículos autônomos e o plano de construção naval estadunidense**

Ana Carolina Vaz Farias

A invasão da Rússia à Ucrânia serviu como um alerta para os Estados Unidos (EUA) analisarem o valor de seu poder naval. Como demonstrado pelo conflito, a tomada russa de cidades ucranianas litorâneas é uma vitória estratégica, pois através destas se tem o domínio logístico, militar e econômico do país, onde o mar é fundamental. Dentro desse cenário, o programa de Defesa estadunidense deve ser ambicioso, mas também realista. Portanto, qual é a atual situação do plano de construção naval dos Estados Unidos, mais precisamente quando se trata de veículos de superfície não tripulados (USVs, sigla em inglês)?

O atual plano de construção naval constituiu-se em 2020, denominado *Battle Force 2045* ([Boletim 130](#)), e destaca a construção de 355 embarcações tripuladas e a incorporação de 240 USVs, até o final da década. Contudo, o plano subsequente *Report to Congress on the Annual Long-Range Plan for Construction of Naval Vessels for Fiscal Year 2022* do governo Joe Biden não forneceu metas de longo prazo, protestando que os estudos estavam em andamento e propondo alcances potenciais de 321 a 372 embarcações, e com um número

de USVs reduzidos, de 77 a no máximo 140.

Recentemente, o governo Biden submeteu a Estratégia de Defesa Nacional do Ano Fiscal de 2023, estabelecendo um orçamento de Defesa de US\$ 773 bilhões, em comparação aos US\$ 715 bilhões de 2022, valor que parece destinado a tentar modernizar mais rapidamente suas Forças Armadas. Apesar disso, a tecnologia não tripulada ainda é pauta de preocupação no Congresso estadunidense. Tal cenário ganhou evidência com o requisito da Marinha para equipar com sistemas de lançamento de mísseis vertical *Large Unmanned Surface Vehicle*, que desencadeou um debate sobre a segurança, o custo-benefício e a confiabilidade dos USVs.

Em suma, a força de superfície e submarina dos EUA depende de seu tamanho e capacidade. O Congresso, o Departamento de Defesa e a indústria devem aproveitar todas as oportunidades para fortalecer e expandir o valor desses. Portanto, o investimento em estudos que possibilitem a incorporação viável e rápida de tecnologias e plataformas não tripuladas é imprescindível para apoiar operações de inteligência, vigilância e reconhecimento.

**Table A1-2 Potential Naval Platform Ranges**

| Platforms                                     | Naval Platform Ranges |            |
|---|-----------------------|------------|
|   | Low                   | High       |
| Aircraft Carriers                             | 9                     | 11         |
| LHA/LHD                                       | 8                     | 9          |
| Large Amphibious Warfare Ships (less LHA/LHD) | 16                    | 19         |
| Small Amphibious Warfare Ships <sup>1</sup>   | 24                    | 35         |
| Large Surface Combatant                       | 63                    | 65         |
| Small Surface Combatant                       | 40                    | 45         |
| Attack Submarines / Large Payload Submarine   | 66                    | 72         |
| Ballistic Missile Submarines                  | 12                    | 12         |
| Combat Logistics Force <sup>2</sup>           | 56                    | 75         |
| Support Vessels                               | 27                    | 29         |
| <b>Total Battle Force Ships</b>               | <b>321</b>            | <b>372</b> |
| Uncrewed Surface Vessels                      | 59                    | 89         |
| Uncrewed Undersea Vessels                     | 18                    | 51         |
| <b>Total Uncrewed</b>                         | <b>77</b>             | <b>140</b> |
| <b>Total Battle Force Ships + Uncrewed</b>    | <b>398</b>            | <b>512</b> |

**Notes:**

1. Includes the future Light Amphibious Warship
2. Includes the future next generation logistics ship

Fonte: Office of the Secretary of the US Navy

O governo canadense divulgou o Orçamento Federal de 2022, em abril. Dividido em nove capítulos, o documento é permeado por um discurso de recuperação econômica após os impactos da COVID-19. Com um capítulo totalmente dedicado à pasta de Defesa, o governo traz uma previsão de aumento dos gastos em US\$ 6.3 bilhões ao longo de cinco anos, além dos investimentos previstos na Política de Defesa de 2017 e a promessa de atualizar-la para se adequar ao contexto internacional que se apresenta. Nesse sentido, é importante observar quais serão as prioridades do governo para a pasta.

Apesar de uma das principais motivações do aumento de gastos do Canadá ser a invasão russa à Ucrânia, o foco do país não está voltado especificamente para o teatro europeu. Mantendo o discurso de cooperação e bom relacionamento com seus aliados, a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) é citada brevemente no documento com uma promessa de aumento de efetivo na Operação *Reassurance*. As prioridades do país estão voltadas para: (i) a defesa do território do Ártico e o projeto de modernização do Comando de Defesa Aeroespacial da América do Norte (NORAD); (ii) mudança de cultura das Forças Armadas após uma série

de denúncias e escândalos; e (iii) cibersegurança.

A Política de Defesa de 1971, desenhada pelo governo liberal de Pierre Trudeau, foi o primeiro documento em que o Ártico apareceu como importante para a identidade nacional do Canadá. Desde então, a região é trazida como prioridade nas políticas do país. Na *Strong, Secure, Engaged*, divulgada em 2017, a preocupação com mudanças nas dinâmicas de poder na região foi destacada e os investimentos planejados para os próximos 20 anos incluem aquisições de equipamentos e investimento em capacidade de atuação das Forças Armadas no Ártico. Em relação ao NORAD, no orçamento do ano anterior, foi destinado em torno de US\$ 250 milhões para investimento no programa ao longo de cinco anos.

A partir das prioridades definidas no orçamento federal de 2022, entende-se que a nova revisão da Política de Defesa manterá o mesmo tom da Política de Defesa de 2017. O documento buscará enfatizar suas prioridades na cooperação internacional, fortalecimento de alianças, defesa do Ártico e cibersegurança. Também destacará um aumento de seus investimentos no longo prazo, novas aquisições e foco no tamanho, capacidade e responsabilidades das Forças Armadas.

DOI 10.21544/2446-7014.n160.p08.

## EUROPA

### **Strategic Compass: próximos passos para uma defesa da União Europeia**

Marina Autran

Os países europeus cada vez mais se veem envolvidos em temáticas de Defesa e segurança nacional, principalmente após o início do conflito na Ucrânia. Nesse contexto, a necessidade de um plano estratégico voltado para a defesa da União Europeia mostrou-se mais urgente. Com a aprovação do *Strategic Compass* em 25 de março de 2022, questiona-se quais são os desafios que podem impactar sua efetiva implementação, considerando os delineamentos da crise ucraniana.

Desde o primeiro esboço divulgado ([Boletim 154](#)), poucas mudanças foram realizadas na aprovação do texto. Com o principal objetivo de alinhar a estratégia dos 27 países membros da União Europeia, o plano deveria representar um comprometimento desses Estados com a segurança do bloco. Essa estratégia seria importante em contextos de desalinhamento entre os interesses dos Estados Unidos e os da Europa, que acabam limitando a capacidade de resposta da OTAN sem o apoio estadunidense. Destaca-se ao longo do documento a própria relação com a Aliança, que essa estratégia pretende fortalecer.

O plano em si não é uma novidade dentro da política europeia. O *2003 EU Security Strategy* e o *2016 Global Strategy* tinham objetivos de fortalecer a capacidade de defesa do bloco europeu, porém a adesão às medidas desses planos não foi alta, o que resultou em poucas mudanças. A expectativa do vice-presidente da Comissão Europeia, Josep Borrell, é de que, por ser um documento feito pelos membros, terá um maior comprometimento para colocar as medidas em prática.

Porém, o contexto atual é diferente e o conflito na Ucrânia mostrou alguns pontos de melhoria e outros de atenção. O plano poderia ajudar a Europa a ser menos dependente dos Estados Unidos para sua segurança e incentivar o maior uso de ações compartilhadas, tal como observado nas sanções contra Rússia. Por outro lado, dependendo das direções que o conflito seguir, existe uma grande possibilidade de a OTAN ser fortalecida ao ponto de os países não considerarem mais o plano necessário. Tanto o sentimento da volta da presença estadunidense quanto a possível entrada dos dois países nórdicos (Suécia e Finlândia) na coalizão apontam essa »

tendência.

Portanto, o *Strategic Compass* pretende fortalecer as estratégias de defesa do bloco reforçando a busca pela diminuição da dependência estadunidense.

Entretanto, o histórico dos países da União Europeia mostra a dificuldade de um plano desses ser seguido. As consequências do conflito da Ucrânia serão pontos-chave de seu sucesso ou fracasso.

DOI 10.21544/2446-7014.n160.p08-09.

## ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA

### A relevância dos portos para economia iraniana

Em razão dos embargos econômicos dos Estados Unidos, os portos iranianos têm reforçado seu papel como principais fontes de receita do país, sendo cruciais para exportações e importações. Nesse sentido, o governo vem intensificando ações no âmbito marítimo, definindo novos projetos, como o porto seco de Aprin no interior do país - um terminal intermodal conectado por ferrovia ou estrada a um porto marítimo, primeiro deste tipo no Irã -, além de incentivar investimentos visando melhorar a infraestrutura e logística. Desse modo, como o setor portuário vem contribuindo para o crescimento do Irã?

Os principais portos do país se localizam no Golfo Pérsico, com destaque para o estreito de Ormuz, por onde passa uma das rotas de transporte de petróleo mais movimentadas do mundo. O Irã depende do estreito para suas exportações, fazendo com que a localidade seja tão sensível quanto relevante na sua política interna e externa. No último ano, Teerã teve um aumento de 17% da carga de mercadorias nos seus portos. Além disso, dados da Organização Marítima e de Portos do Irã mostram que a capacidade dos portos aumentou de 180 milhões de toneladas em 2014, em um cenário pré-acordo nuclear, para 250 milhões em 2021. O aumento de capacidade portuária também enseja necessidade de

Amanda Marini

infraestruturas de suporte. Por exemplo, em fevereiro de 2022, com uma área de pouco mais de 10 quilômetros quadrados, Teerã inaugurou um aeroporto estratégico na Ilha Grande Tunb, uma das três ilhas artificiais iranianas, servindo como apoio para o setor portuário.

Ademais, quando se trata do Porto de Aprin, as projeções são que, quando estiver totalmente operacional, cerca de 60% de todos os bens importados pelo país passarão por ele. Como está localizado ao sul de Teerã, conectado às cidades portuárias iranianas e próximo aos centros industriais, o acesso aos produtos importados e *commodities* terá um custo reduzido, devido à proximidade geográfica e facilidade de transporte. Por ser um porto seco, outro benefício é que pode incluir instalações para armazenamento de bens, manutenção de transportes e serviços aduaneiros. A localização dessas instalações aprimora sua gestão e eficiência, melhorando a concorrência por armazenamento e alfândega no próprio porto.

Portanto, compreende-se que o setor portuário desempenha um papel significativo para o crescimento e desenvolvimento iraniano na atualidade, que perpassa por geração de receitas, mas também por planos de aprimoramento de sua infraestrutura e logística.



DOI 10.21544/2446-7014.n160.p09.

## O emprego do *Kinzhal* e o teste do *Sarmat* em meio ao conflito na Ucrânia

Pérsio Glória de Paula

A campanha russa na Ucrânia está marcada pelo emprego intensivo de mísseis de cruzeiro *3M-54 Kalibr* e mísseis balísticos de curto alcance (SRBM, sigla em inglês) *Iskander*. Essas armas têm atendido às necessidades militares russas de infligir danos às concentrações de força, infraestruturas críticas, centros logísticos e depósitos de armamentos ucranianos. Mesmo com a eficácia desses armamentos, a Rússia empregou, em pelo menos três ocasiões, mísseis hipersônicos ar-superfície *Kh-74M2 Kinzhal* contra alvos terrestres na Ucrânia. Além disso, Moscou anunciou o teste exitoso do novo míssil balístico intercontinental (ICBM, sigla em inglês) *RS-28 Sarmat*. Dessa forma, qual o papel desempenhado pelo emprego e teste desses novos armamentos estratégicos nesse período?

O *Kinzhal* e o *Sarmat* fazem parte do grupo de armas “invencíveis” ([Boletim 151](#)) apresentadas pelo presidente Vladimir Putin em março de 2018. Na perspectiva russa, o conflito na Ucrânia é um desdobramento da disputa com o Ocidente pelo reordenamento internacional e essas armas foram desenvolvidas para incrementar a capacidade de dissuasão e paridade nuclear da Rússia contra esse bloco de poder.

O *Kinzhal* é uma versão modificada do *Iskander*, lançada do ar. Embora seja hipersônico e com alta capacidade destrutiva, especialistas ocidentais minimizaram seu uso, já que ele não alteraria o curso

do conflito na Ucrânia. Entretanto, o *Kinzhal* é uma arma voltada para um conflito com o Ocidente, já que foi desenvolvido para atuar especialmente contra alvos móveis navais, como navios aeródromos. Assim, a sua utilização na Ucrânia é tanto uma verificação em condições reais de combate quanto uma mensagem às potências ocidentais, o que é corroborado pelo teste do *Sarmat*.

O *Sarmat*, testado em 20 de abril de 2022 em território russo, difere substancialmente dos ICBMs russos atualmente operacionais. Ele possui alcance consideravelmente maior, sistemas de contramedidas contra interceptadores e uma fase de impulso reduzida quando entra em órbita, dificultando sua detecção por satélites e radares. O *Sarmat* pode carregar ogivas nucleares e transportar diversos veículos planadores hipersônicos *Avangard*, operacionais desde 2019 ([Boletim 108](#)). Esse sistema reforçará a paridade estratégica-nuclear entre Rússia e Estados Unidos, dada a capacidade de atingir alvos em todo o planeta e contornar as defesas antimísseis ocidentais na Europa.

Assim, o emprego do *Kinzhal* e o teste do *Sarmat* podem ser analisados como uma forma de testar a eficácia de combate, incrementar as capacidades de dissuasão nucleares russas e demonstrar aos países ocidentais que sua participação direta no conflito na Ucrânia poderia acarretar uma escalada, que possivelmente seria nuclear.

Fonte: Fajiram & Ravi

|               |                               |
|---------------|-------------------------------|
| <b>Name</b>   | Kh-47M2 Kinzhal or The Dagger |
| <b>Speed</b>  | 9,207mph, MACH 12             |
| <b>Range</b>  | 1,240 miles                   |
| <b>Length</b> | 26ft                          |
| <b>Cost</b>   | £4.5m                         |
| <b>Weight</b> | 1/2 tonne                     |

- Armed with nuclear or conventional explosives
- Onboard A.I. allows it to quickly dodge obstacles

Can be remotely piloted

12 times speed of sound

## O novo dilema da modernização naval russa

Luiza Guitarrari

A extensão costeira russa lhe impõe diversos desafios que precisam ser endereçados pelo mar. Por isso, a Rússia, na última década, adotou diversas medidas voltadas para a modernização de sua Marinha e a construção de navios de guerra e mercantes. No entanto, as tecnologias domésticas seguem atrasadas em relação a países como Estados Unidos e China, além de ser um setor oneroso, que depende, em parte, das receitas provenientes do gás natural e petróleo. Diante da importância dessa indústria, como as sanções atuais podem afetar a revitalização naval russa?

Como parte da Estratégia para o Desenvolvimento das atividades marítimas da Rússia até 2030, estes pretendem incrementar a capacidade dissuasória não somente no seu entorno estratégico, mas também em áreas de crescente interesse, como o Ártico, o Indo-Pacífico e o Mediterrâneo Oriental. A Estratégia possui como metas a substituição de 90% de aparelhos militares, inclusive navios e equipamentos navais, além da modernização de estaleiros. A atualização dessas infraestruturas exigirá não menos do que US\$ 500 ou 600 milhões, e precisando renovar 150 a 200 navios até 2030, sob um investimento anual próximo de US\$ 2,5 a 3,5 bilhões. Contudo, alguns componentes, como os motores a diesel alemães, são provenientes de países que recentemente impuseram

sanções ou deixaram de comercializar com Moscou.

Paralelamente, no dia 09 de abril, a Diretoria Principal de Inteligência do Ministério da Defesa da Ucrânia informou que alguns estaleiros russos interromperam sua produção devido à falta de materiais estrangeiros e diligências nos contratos vigentes. Dentre os materiais necessários, estão: cargas para projéteis de artilharia naval e sistemas de navegação. A medida, segundo a Diretoria ucraniana, afetou o estaleiro *Vostochnaya Verf JSC*, creditado em Vladivostok, que está desde o começo do presente mês com as atividades suspensas e incapaz de suprir metas estatais no montante de US\$ 455 milhões. O estaleiro é atualmente um dos principais fornecedores de navios para a Marinha no Oceano Pacífico.

As sanções atuais, portanto, continuarão a pressionar os principais setores que financiam o conflito entre Rússia e Ucrânia. E que, por consequência, também afetam as principais receitas russas, dada a relevância das indústrias de Defesa e Energia impulsionando o país ao crescimento econômico e destaque geopolítico ao longo da última década. Por fim, a dependência russa por componentes estrangeiros oferece aos países ocidentais a capacidade de influenciar a expansão de Moscou em espaços estratégicos.



Avanços no programa espacial chinês nas relações internacionais

Maria Eduarda Parracho e Philippe Alexandre

A Administração Espacial Nacional da China divulgou novas missões das tripulações *Shenzhou-14* e *Shenzhou-15*, em que seis tripulantes serão responsáveis por concluir a construção e o acoplamento dos três módulos espaciais previstos da Estação Espacial China *Tiangong-3*. Embora tenha um quinto do tamanho da Estação Espacial Internacional, a estação chinesa pretende ser um polo científico-tecnológico para a China e para todos os países que estiverem dispostos a cooperar. Essas medidas, portanto, exemplificam o fato de que a China tem se projetado para o campo espacial. A partir disso, como esse movimento de Pequim reflete a sua estratégia para a atual conjuntura internacional?

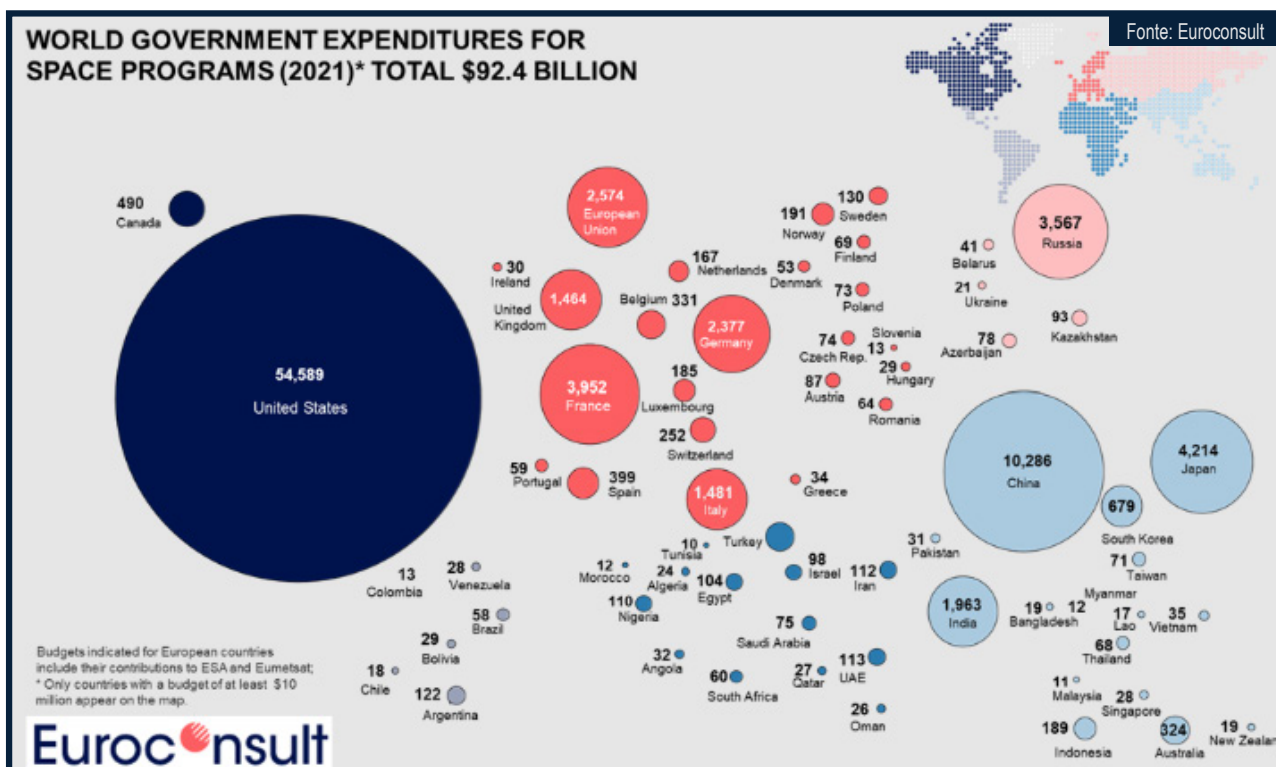
Além da construção da nova Estação Espacial, nos próximos cinco anos, a China planeja coletar amostras de um asteróide próximo à Terra, realizar duas missões de exploração polar lunar, lançar foguetes de carga pesada e construir um novo telescópio espacial, programado para voar em 2024. Essas metas e o orçamento de US\$ 10.2 bilhões (o 2º maior) compõem a estratégia do país de se tornar uma grande potência até 2049. Nesse sentido, o desenvolvimento do programa espacial chinês contribuiria em três áreas importantes para o país: defesa, segurança e diplomacia.

O *white paper* “Defesa Nacional da China na Nova Era” de 2019 destaca o papel crescente da Força Aérea

do Exército de Libertação Popular no espaço. As forças armadas chinesas - ator principal na condução do programa espacial do país - poderiam buscar estacionar sistemas de equipamentos militares no espaço ou usar satélites para monitorar a superfície do planeta. Segundo a mídia estatal, a *startup* chinesa *GalaxySpace* começará a construir uma rede composta por mil satélites para fornecer cobertura 5G. Segundo Richard Bitzinger (membro da Escola S. Rajaratnam de Estudos Internacionais em Cingapura), a China poderia utilizar as suas capacidades espaciais, como sensores, para detectar submarinos inimigos em espaços marítimos reivindicados.

No mais, o desenvolvimento do programa espacial chinês também possibilitaria acessar recursos naturais na Lua ou em outros corpos celestes ricos em minerais ou elementos potenciais para geração de energia; assim como, permitir que aliados utilizem as capacidades do país para fins científicos e comerciais.

Portanto, as ações chinesas em direção ao espaço indicam a sua tendência expansionista para outros espaços geopolíticos, para criar instrumentos de cooperação científica-tecnológica com Estados parceiros de tornar-se líder num ambiente de competição com outros países a partir de meios estratégicos para dissuadir e diminuir sua vulnerabilidade externa.



O ano de 2022 será marcante para o vínculo entre Japão e Índia ao coroar os 70 anos do estabelecimento de relações diplomáticas entre ambas as nações. Tal relacionamento, iniciado em 1952 com a assinatura de um tratado de paz entre a recém independente Índia e o Japão, e aprofundado nas décadas subsequentes pelo constante fornecimento de empréstimos em ienes e de ajuda externa nipônica, começou a ganhar contornos mais abrangentes a partir dos anos 2000 com o estabelecimento da Parceria Global entre Índia e Japão. Desse momento em diante, laços começaram a se estreitar no âmbito militar e civil, além da intensificação de Investimento Estrangeiro Direto japonês no país sul-asiático. Portanto, tendo em vista a relevância de ambos os Estados no sistema internacional, qual o atual estado de suas relações e o que se esperar delas futuramente?

Nos dias 19 e 20 de março, o primeiro-ministro japonês, Fumio Kishida, viajou à Índia para se reunir com seu homólogo indiano, Narendra Modi, para realizar a 14ª Cúpula Japão-Índia, a primeira desde 2018. Tal encontro representa um caso interessante para analisar a relação entre ambos, porque estabeleceu-se uma meta de investimento de US\$ 42 bilhões na Índia por parte do Japão nos próximos cinco anos, além do financiamento

de diversos projetos de infraestrutura e de produção de energia limpa por parte da *Japan International Cooperation Agency*.

Ademais, na esfera de defesa, um memorando de cooperação sobre Segurança Digital foi assinado, dando continuidade à cooperação militar entre ambos os países, que já conta com exercícios militares compartilhados por parte de seus três braços armados. O encontro serviu para realinhar as convicções das nações quanto ao apreço pela manutenção da ordem liberal pautada no direito internacional, visto o receio causado pela dissonância da resposta indiana se comparada aos demais membros do Diálogo de Segurança Quadrilateral (Quad) quanto à invasão da Ucrânia. Dessa forma, foi possível confirmar a confluência de visões de mundo, elemento essencial para a manutenção do funcionamento do Quad e da parceria bilateral.

Portanto, de maneira geral, essa visita diplomática do primeiro-ministro japonês não só deu continuidade ao estreitamento de laços bilaterais, como assegurou suas bases estratégicas, ambas pautadas na visão de *Free and Open Pacific*. Assim sendo, o prognóstico dessa relação é de contínuo estreitamento no âmbito político, econômico e de segurança.

DOI 10.21544/2446-7014.n160.p13.

## SUL DA ÁSIA

### A saída de Imran Khan e seus impactos na política externa paquistanesa

Eduardo A. Manguiera

Acusado de má gestão da economia, bem como das políticas interna e externa, o agora ex-primeiro-ministro do Paquistão, Imran Khan, foi levado a renunciar ao cargo a partir de um voto de não-confiança da Assembleia Nacional, decidido por 174 de 342 votos. Nesse sentido, o que a entrada de Shehbaz Sharif, seu sucessor, pode significar para a política externa paquistanesa?

Durante a administração de Imran Khan, observou-se uma queda histórica nas relações do país com os Estados Unidos, um de seus principais parceiros comerciais e de quem possui uma dependência econômica, militar e estratégica. São ações emblemáticas dessa tendência a visita de Khan a Moscou em meio ao conflito na Ucrânia e a acusação de conspiração entre os Estados Unidos e a oposição para depô-lo. Somada a isso, houve uma aproximação entre o Paquistão e a China, considerada um parceiro a longo prazo frente à Índia. Khan avançou pouco quanto à questão da Caxemira, mas trocou uma política de segurança hostil com a Índia por uma de

integração geoeconômica. Além de causar certo atrito com o segmento militar do país, que preza por um maior equilíbrio na política externa paquistanesa. No mais, o ex-primeiro-ministro deixa para seu sucessor um país com grandes problemas econômicos.

Shehbaz Sharif, por sua vez, é uma figura já conhecida na política paquistanesa, sendo irmão mais novo do ex-primeiro-ministro, Nawaz Sharif, e ex-ministro-chefe de Punjab. Espera-se uma reaproximação com o Ocidente, sem, contudo, sacrificar as relações com a China, ao indicar, em seu discurso, a vontade de revitalizar o Corredor Econômico China-Paquistão - projeto de investimento em infraestrutura e de integração regional não priorizado por Khan. No entanto, tal iniciativa traz preocupações para Índia e Estados Unidos pela possibilidade de militarização, pelo pagamento de investimentos chineses com dinheiro estadunidense e um possível alinhamento militar paquistanês com a China. Em relação à Índia, embora a afirmação de busca de solução pacífica da questão da Caxemira seja mero

praxe, espera-se que o novo primeiro-ministro tome uma posição mais conciliatória.

Sendo assim, o recém-formado governo paquistanês enfrenta diversos desafios no campo da política externa. Enquanto espera-se um maior equilíbrio nas relações com os Estados Unidos e a China, como preferido pelos

militares, é incerto quais serão os resultados concretos de sua administração para a questão da Caxemira. Contudo, a recuperação econômica deve ser uma das prioridades desse novo governo, que luta para alcançar estabilidade política nesse período tão conturbado para o país.



DOI 10.21544/2446-7014.n160.p13-14.

## SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA

### Submarinos atribuiriam capacidade dissuasória necessária às Filipinas

Matheus Bruno Ferreira Alves Pereira

As Filipinas, nos últimos anos, buscam viabilizar a aquisição de seis submarinos. Atualmente, especula-se que serão da classe *Scorpène*, da francesa *Naval Group* – a mesma classe produzida no Brasil. Era imaginado que o batimento de quilha do primeiro submarino começaria em algum momento do “Horizonte 2”, indicando a segunda fase do atual programa de modernização das Forças Armadas filipinas. A pandemia da Covid-19, contudo, tanto atrasou quanto reduziu a quantidade de aquisições, dado os gastos do governo para contornar problemas de saúde pública e econômicos no país. Nesse período, o debate sobre a real necessidade de certas compras retornou entre comentários de analistas e pessoas públicas. Afinal, as Filipinas precisam de submarinos?

Entre os motivadores para os programas de aquisição das Forças Armadas filipinas está o aumento da presença chinesa na região, tanto com a militarização de ilhas e atóis, como também a presença extensiva com navios de guerra, guarda costeira e pesqueiros. Manila, assim como

tantos outros países do Sudeste Asiático, disputa áreas marítimas com Pequim, mas ainda não é capaz de negar o uso do mar em suas águas territoriais e ZEE, o que acaba prejudicando sua soberania no domínio marítimo.

Há o questionamento sobre a maior conveniência em priorizar navios de superfície, tanto pelo tempo de produção quanto a viabilidade econômica: a primeira aquisição de submarinos por um país significa gastos operacionais, de treinamento, infraestruturais e de manutenção específicos para essa embarcação. Assim, o foco em navios patrulha, corvetas e fragatas poderia preencher em menor espaço de tempo, e com maior presença, as capacidades marítimas do país.

Porém, é válido mencionar que essa opção lida, em certa medida, apenas com os desafios de curto prazo. Com a crescente instabilidade no Mar do Sul da China, é razoável a preocupação de Manila com suas capacidades dissuasórias e negação do uso do mar. Afinal, sob uma lente realista, compreende-se que a necessidade de garantir a aquisição de insumos de poder é o que >>>

condiciona a capacidade dos Estados de manter sua integridade e soberania territorial. Assim, apesar dos fatores financeiros mencionados, a posse de submarinos

é mais eficiente para o país no longo prazo, pois representa uma ferramenta capaz de negar o uso do mar ao inimigo expansionista.



DOI 10.21544/2446-7014.n160.p14-15.

## TEMAS ESPECIAIS

### Cibersegurança e violação do Artigo 5º do Tratado da OTAN

Pouco antes da campanha militar da Rússia, a Ucrânia havia denunciado ataques cibernéticos cometidos contra sistemas ucranianos e a consequente indisponibilização de sites e serviços do país. Entende-se que um dos principais pontos do imbróglio é a disputa entre Rússia e a projeção do Ocidente na figura da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN). Apesar de a Ucrânia não ser Estado-membro da OTAN, conta com o apoio, em certa medida, dos membros da Organização desde o início das agressões. Posto que esse conflito tem tido um efeito *spillover* nos países ao redor da Ucrânia, a preocupação do Ocidente é de que um ataque cibernético que afete os aliados da OTAN possa ser considerado uma agressão direcionada. Nesse sentido, um ciberataque que afete membros poderia ser considerado, de fato, uma forma de agressão suficiente para acionar o Artigo 5º do Tratado da OTAN?

Observa-se que o Artigo 5º do Tratado da Organização, em linhas gerais, postula que um ataque armado a um ou mais países da Aliança seria considerado um ataque a todos, o que legitima uma resposta individual ou coletiva à altura. No dia 28 de fevereiro de 2022, um oficial da OTAN informou, em entrevista à Reuters, que um ataque cibernético que afetasse países da organização

militar poderia, em certas circunstâncias, ser considerado um ataque armado, o que acionaria o Artigo 5º.

Quando a Carta da OTAN foi assinada em 1949, não havia como prever o chamado *cyber warfare*, deixando à interpretação dos próprios aliados considerar os ciberataques como uma agressão propriamente. Dessa maneira, em 14 de junho de 2021, uma conferência da OTAN em Bruxelas endossou uma postura abrangente em relação ao Artigo 5º da Carta, sustentando que ataques cibernéticos poderiam ser tratados como agressões à segurança, pois são destrutivos e coercitivos; logo, acarretando uma resposta à altura.

Apesar dessa visão recente da OTAN ainda deixar uma abertura para a interpretação isolada do caso, o conflito entre Rússia e Ucrânia parece ser o momento e o ambiente perfeitos para que os membros testem essa política mais abrangente e tomem medidas de segurança robustas pautadas no Artigo 5º. Caso de fato acionado, esse dispositivo do tratado pode abrir precedentes para que outros ataques cibernéticos futuros sejam respondidos da mesma forma pela OTAN ou até mesmo outros países de maneira retaliatória e independente, na medida em que se tornam cada vez mais dependentes da cibersegurança.

DOI 10.21544/2446-7014.n160.p15.

- ▶ [Does Ukraine need a Marshall Plan?](#)  
THE NEW STATESMAN, Adam Tooze
- ▶ [How the West can drive a wedge between India and Russia](#)  
ENGELSBURG IDEAS, Jack Watling e Sidharth Kaushal
- ▶ [Russia's War in Ukraine: Identity, History, and Conflict](#)  
CSIS, Jeffrey Mankoff
- ▶ [Two worlds apart? Harmonizing digitalization and the environment](#)  
CHATHAM HOUSE, Daniel Akinmade Emejulu e Richard King
- ▶ [United States Decision on ASAT Testing a Positive Step Towards Space Sustainability](#)  
RAND, Bruce McClintock

CALENDÁRIO GEOCORRENTE

Clique nas caixas para acessar os links referentes:

Por: Guilherme Carneiro e Maria Eduarda Parracho

**MAIO**

Principais eventos de 01 a 11 de maio

**01**



**JAPÃO**  
INÍCIO DA CÚPULA DO QUAD

**02-05**



**ESTADOS UNIDOS**  
CONFERÊNCIA DE TECNOLOGIA OFFSHORE

**03-04**



**PAÍSES BAIXOS**  
CONFERÊNCIA EUROPEIA DE PORTOS AMBIENTAIS

**05**



**REINO UNIDO**  
ELEIÇÕES PARLAMENTARES DA IRLANDA DO NORTE

**05**



**OPEP+**  
28ª REUNIÃO MINISTERIAL DA OPEP+

**05-06**



**ROMÊNIA**  
CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DA EUXGLOB

**09**



**FILIPINAS**  
ELEIÇÕES GERAIS

**11**



**BÉLGICA**  
INÍCIO DA CONFERÊNCIA COASTLINK

**11**



**ÍNDIA**  
INÍCIO DA MARITIME TRANSPORT & SHIPPING INDIA EXPO 2022

- **A incidência da geopolítica da água nas relações diplomáticas Chile-Bolívia**  
 MANZANO, K. Geopolítica del agua y altiplano. Las relaciones chileno-bolivianas y sus disputas por recursos hídricos. **Revista Latinoamericana de Estudios de Seguridad**, n. 30, pp. 58-71, 2021. Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales, Santiago de Chile.  
 REYES, C.; CORNEJO, C. [Gabriel Boric insta a Bolivia a retomar relaciones diplomáticas, aunque advierte que Chile “no negocia soberanía” y anuncia que primera gira será a Argentina](#). **La Tercera**, Santiago, 14 mar. 2022. Acesso em: 01 abr. 2022.
  - **Veículos autônomos e o plano de construção naval estadunidense**  
 ECKSTEIN, M. [US Navy considers alternatives to unmanned boats with missiles](#). **Defense News**, Tysons, 22 mar. 2022. Acesso em: 01 abr. 2022.  
 WITTMAN, Rob. [The Nation Needs a Real Plan to Grow the Navy](#). **U.S. Naval Institute**, Annapolis, mar. 2022. Acesso em: 01 abr. 2022..
  - **O orçamento de Defesa canadense para 2022**  
 BARRETO, J.; ROCHA, M. [Políticas de Defesa e Forças Armadas: a visão canadense durante e após a guerra fria](#). **Revista da Escola Superior de Guerra**, v.36, n.76, p.123-144, 2021. Acesso em: 20 abr. 2022.  
 CANADA. **Department of Finance Canada**. [Budget 2022](#). 2022. Acesso em: 20 abr. 2022.
  - **Strategic Compass: próximos passos para uma defesa da União Europeia**  
 WITNEY, N. [The EU's Strategic Compass: Brand new, already obsolete](#). **European Council on Foreign Relations**, Berlim, 31 mar. 2022. Acesso em: 23 abr. 2022  
 TIDEY, A. [What is the 'strategic compass' and what does it mean for EU defence?](#). **Euronews**, Lyon, 23 mar. 2022. Acesso em: 23 abr. 2022.
  - **A relevância dos portos para a economia iraniana**  
[Iran's 1st inland port to be inaugurated soon](#). **Tehran Times**, Teerão, 8 abr. 2022. Acesso em: 16 abr. 2022  
[Iran: Loading, unloading of goods in ports up 17% in a year](#). **Hellenic Shipping News**, Atenas, 05 abr. 2022. Acesso em: 19 abr. 2022
  - **O emprego do Kinzhal e o teste do Sarmat em meio ao conflito na Ucrânia**  
 GATOPOULOS, A. [Hypersonic missiles: Why is Russia using them in Ukraine?](#). **Al Jazeera**, Doha, 21 mar. 2022. Acesso em: 22 abr. 2022.  
[Sarmat Missile Will Make Russia Foes 'Think Twice' – Putin](#). **Moscow Times**, Moscou, 20 abr. 2022. Acesso em: 22 abr. 2022.
  - **O novo dilema da modernização naval russa**  
 RYZHENKO, A. [The Realities of Russian Military Shipbuilding \(Part One\)](#). **The Jamestown Foundation**, Washington, 5 out. 2021. Acesso em: 22 abr. 2022.  
 STARR, M. [Russian shipyards stop ship production due to lack of funds, foreign parts](#). **The Jerusalem Post**, Jerusalém, 13 abr. 2022. Acesso em: 22 abr. 2022.
  - **Avanços no programa espacial chinês e os impactos em suas relações internacionais**  
 JENNINGS, R. [China Has Capability to Use Space for Military Purposes, Experts Say](#). **Voa News**, São Francisco, 02 abr. 2022. Acesso em: 22 abr. 2022.  
 CONGYI, Lee. [China reveals missions of Shenzhou-14, Shenzhou-15 space crews](#). **China Military**, Pequim, 18 abr. 2022. Acesso em: 22 abr. 2022.
  - **Japão e Índia: estreitando laços**  
[Explained: 5 reasons why Japanese PM Fumio Kishida's India visit is important](#). **The Indian Express**, Nova Delhi, 20 mar. 2022. Acesso em: 19 abr. 2022.  
 PANDA, R. [Fumio Kishida's Visit to India: major takeaways](#). **Vivekananda International Foundation**, Nova Delhi, 29 mar. 2022. Acesso em: 20 abr. 2022.
  - **A saída de Imran Khan e seus impactos na política externa paquistanesa**  
 HUSSAIN, T. [Why is Pakistan's new PM Shehbaz Sharif so keen to accelerate the CPEC with Beijing?](#). **South China Morning Post**, Hong Kong, 20 abr. 2022. Acesso em: 21 abr. 2022  
 RIZVI, S. [The Objectivity OF A Pak-US Reset Amid The Cable Row - OpEd](#). **Eurasia Review**, [s.l], 22 abr. 2022. Acesso em: 22 abr. 2022.
  - **Submarinos atribuiriam capacidade dissuasória necessária às Filipinas**  
 ESPEÑA, J. [The Philippines Wants to Acquire Submarines. What Should They Be Used For?](#). **The Diplomat**, Washington, 11 abr. 2022. Acesso em: 18 abr. 2022.  
 YAACOB, A. [Rethinking the Philippines' submarine program](#). **East Asia Forum**, Canberra, 15 jun. 2021. Acesso em: 21 abr. 2022.
  - **Cibersegurança e violação do Artigo 5º do Tratado da OTAN**  
 PEARSON, J.; LANDAY, J. [Cyberattack on NATO could trigger collective defense clause – official](#). **Reuters**, Londres, 28 fev. 2022. Acesso em: 08 mar. 2022.  
 STARKS, Tim. [NATO, G-7 leaders promise bulwark against retaliatory Russian cyberattacks](#). **Cyberscoop**, Washington, 24 mar. 2022. Acesso em: 22 abr. 2022.
- Os mapas iniciais (pág 04 e 05) do Boletim foram produzidos pelo MapChart e segue as diretrizes da Creative Commons.

## MAPA DE RISCO

O mapa intitulado “Principais Riscos Globais”, exposto na página 04 deste Boletim, foi elaborado pelos integrantes do Núcleo de Avaliação da Conjuntura da Escola de Guerra Naval. Os critérios utilizados para analisar os fenômenos internacionais e determinar quais devem constar no mapa se baseiam na relevância destes para o Brasil, sendo eles: presença de brasileiros residentes na região, influência direta ou indireta na economia brasileira e impacto no Entorno Estratégico brasileiro. Ademais, serão considerados os interesses dos membros permanentes do Conselho de Segurança das Nações Unidas. Após a seleção dos fenômenos, estes são categorizados em alto risco (vermelho) ou médio risco (laranja), seguindo parâmetros que refletem a gravidade do risco: quantidade de vítimas, relevância dos atores envolvidos, impacto na economia global e possibilidade da escalada de tensões. Os países em

cinza representam conflitos monitorados, caso tenha agravamento do risco, este passa a ser vermelho ou laranja.

Devido ao aumento do número de casos (infectados, internados e óbitos) relacionados à COVID-19, houve uma adaptação na análise do cenário. Dessa forma, elaborou-se um mapa à parte, com os 15 países com maior número de infectados de acordo com o último relatório da OMS divulgado até a data deste boletim. Dessa forma, os países foram divididos em vermelho, laranja e amarelo de acordo com o número de casos totais. As análises são refeitas a cada edição do Boletim, com o objetivo de reavaliar e atualizar as regiões demarcadas, bem como a cor utilizada em cada um. Desta forma, são sempre observados os principais fenômenos, distribuídos em alto e médio risco. Abaixo, encontram-se *links* sobre os riscos apontados no mapa:

Por: Guilherme Carneiro e Luísa Barbosa

### ► ALTO RISCO:

- AFEGANISTÃO - Crise estrutural: [Afghanistan will not tolerate 'invasions,' defense minister says | Reuters](#). **Reuters**, 24 abr. 2022. Acesso em: 25 abr. 2022.
- BELARUS - Tensão regional e crise migratória: [Belarus opposition leader calls for more sanctions against Lukashenko over Ukraine](#). **Euronews**, 23 abr. 2022. Acesso em: 25 abr. 2022.
- HAITI - Crise estrutural: [Situation in Haiti demands urgency, top State Department diplomat says](#). **Miami Herald**, 21 abr. 2022. Acesso em: 24 abr. 2022.
- IÊMEN - Guerra civil e crise humanitária: [Yemen war sides fail to operate 1st flight as part of truce](#). **AP News**, 24 abr. 2022. Acesso em: 25 abr. 2022.
- LESTE EUROPEU - Tensões com a Rússia e crise migratória: [Europe bears brunt of Russia-Ukraine conflict rooted in NATO expansion, says economist](#). **Xinhua**, 23 abr. 2022. Acesso em: 25 abr. 2022.
- LÍBANO: Crise estrutural: [Israel announces retaliatory strike on southern Lebanon after rocket fire](#). **France 24**, 25 abr. 2022. Acesso em: 25 abr. 2022.
- MIANMAR - Golpe militar: [Myanmar junta 'rapidly losing strength,' but rights abuses continue, UN rapporteur says | The Japan Times](#). **The Japan Times**, 25 abr. 2022. Acesso em: 25 abr. 2022.
- RÚSSIA E UCRÂNIA - Conflito Militar: [Russia-Ukraine war: List of key events on day 61](#). **Al Jazeera**, 25 abr. 2022. Acesso em: 25 abr. 2022.
- SUDÃO - Golpe de Estado: [Six months since coup, Sudan promises to keep up democracy fight](#). **Al Jazeera**, 25 abr. 2022. Acesso em: 25 abr. 2022.

### ► MÉDIO RISCO:

- ARMÊNIA E AZERBAIJÃO - Conflito em Nagorno-Karabakh: [Briefing N°93 Nagorno-Karabakh: Seeking a Path to Peace in the Ukraine War's Shadow](#). **ReliefWeb**, 22 abr. 2022. Acesso em: 22 abr. 2022.
- BURKINA FASO - Golpe de Estado: [Guinea and Burkina Faso juntas risk more sanctions over transition delays](#). **Reuters**, 25 abr. 2022. Acesso em: 25 abr. 2022.

• ETIÓPIA - Conflito entre governo e forças insurgentes: [Ethiopia's peace pegged on humanitarian corridors](#). **The East African**, 24 abr. 2022. Acesso em: 25 abr. 2022.

• LÍBIA - Crise estrutural e tensão eleitoral: [There is no way out of current Libyan crisis but a political settlement](#). **The Libya Observer**, 23 abr. 2022. Acesso em: 25 abr. 2022.

• MALI - Instabilidade política: [Mali junta says sticking to two-year transition](#). **Africanews**, 22 abr. 2022. Acesso em: 23 abr. 2022.

• SÍRIA - Insegurança regional: [Turkey Closes Airspace to Russian Jets Flying to Syria's War](#). **Bloomberg**, 23 abr. 2022. Acesso em: 25 abr. 2022.

• SOMÁLIA - Crise eleitoral e humanitária: ['Parallel' elections emerge in Somalia](#). **The East African**, 23 abr. 2022. Acesso em: 24 abr. 2022.

• VENEZUELA - Crise estrutural: [Nicolás Maduro dijo que Venezuela se prepara para enfrentar los efectos de las sanciones a Rusia: "Tenemos que producir el 100 % de lo que comemos"](#). **Infobae**, 21 abr. 2022. Acesso em: 24 abr. 2022.

#### ► EM MONITORAMENTO:

• COLÔMBIA - Conflito fronteiriço: [Arauca suma 1.163 familias desplazadas en lo que va de 2022: Defensoría del Pueblo](#). **Infobae**, 23 abr. 2022. Acesso em: 24 abr. 2022.

• EL SALVADOR - Instabilidade social (NOVO NO MAPA): [El Salvador extends state of emergency](#). **ABC News**, 25 abr. 2022. Acesso em: 25 abr. 2022.

• GUINÉ - Golpe de Estado: [Guinea's ousted president Conde freed from house arrest](#). **Reuters**, 23 abr. 2022. Acesso em: 24 abr. 2022.

• GOLFO DA GUINÉ - Insegurança marítima conjuntural: [IMB warns, Gulf of Guinea still at risk of piracy](#). **The Guardian**, 20 abr. 2022. Acesso em: 25 abr. 2022.

• IRÃ - Negociações do acordo Nuclear: [New Iran nuclear deal would be a significant victory for Tehran](#). **The Arab News**, 24 abr. 2022. Acesso em: 25 abr. 2022.

• ISRAEL E PALESTINA - Tensões regionais (NOVO NO MAPA): [Why Israel is suddenly granting Gaza thousands of work permits](#). **Middle East Eye**, 25 abr. 2022. Acesso em: 25 abr. 2022.

• MAR DO SUL DA CHINA- Novos exercícios militares na região: [South China Sea: 'external forces' meddling in disputes, Chinese official says](#). **South China Morning Post**, 22 abr. 2022. Acesso em: 25 abr. 2022.

• MOÇAMBIQUE - Conflito entre governo e forças insurgentes: [President Ramaphosa extends Op Vikela until April 2023](#). **DefenceWeb**, 25 abr. 2022. Acesso em: 25 abr. 2022.

• NICARÁGUA - Crise política: [Gobierno de Nicaragua anuncia expulsión de OEA de su territorio](#). **TeleSur**, 24 abr. 2022. Acesso em: 24 abr. 2022.

• PAQUISTÃO - Crise política: [Pakistan seeks more funds from IMF](#). **Al Jazeera**, 25 abr. 2022. Acesso em: 25 abr. 2022

• PERU - Instabilidade política: [Pedro Castillo mantiene la desaprobación: 67% de la población no avala su gestión, según IEP](#). **La República**, 24 abr. 2022. Acesso em: 24 abr. 2022

• SRI LANKA - Crise estrutural (NOVO NO MAPA): [Sri Lanka to receive World Bank aid as economic crisis deepens | Business and Economy News | Al Jazeera](#). **Al Jazeera**, 22 abr. 2022. Acesso em: 25 abr. 2022.

• TAIWAN - Embate China-EUA: [China's defence chief tells US not to underestimate Beijing's resolve on Taiwan](#). **South China Morning Post**, 21 abr. 2022. Acesso em: 25 abr. 2022.

• XANGAI/ CHINA- Novas medidas de Lockdown (NOVO NO MAPA): [Shanghai's COVID lockdown drags into 4th week, fears flicker Beijing could be next](#). **Reuters**, 25 abr. 2022. Acesso em: 25 abr. 2022.